

**MUITO ALÉM DO PRAZER.
AS MOEDAS ROMANAS E AS POSIÇÕES SEXUAIS:
RELAÇÕES DE PODER**

**BEYOND THE PLEASURE. THE ROMAN COINS AND
SEXUAL POSITIONS: POWER RELATIONS**

**Flávia Regina Marquetti¹, Cláudio Umpierre Carlan²
e Pedro Paulo A. Funari³**

Resumo

Neste artigo procuramos investigar como as representações de relações sexuais, presentes em cunhagens romanas do período imperial, podem ser lidas tanto como referências a práticas sexuais, como também como alusões, ainda que indiretas e sutis, às relações entre governantes e governados. A metodologia baseia-se na multidisciplinariedade, tendo como eixo as áreas de História, Antropologia, Semiótica e Numismática.

Palavras chave: Numismática, Roma, erótico, poder, interdisciplinar.

¹ Prof. Dra. Flávia Regina Marquetti - Colaboradora do Laboratório de Arqueologia Pública (LAP/Nepam/Unicamp) e LINCEU. Visões da Antiguidade Clássica – UNESP/FCLAR.

² Universidade Federal de Alfenas, Unifal, e colaborador do Laboratório de Arqueologia Pública Paulo Duarte (LAP/Nepam), Unicamp.

³ Professor Titular da UNICAMP. Departamento de História. IFCH/UNICAMP, Laboratório de Arqueologia Pública Paulo Duarte, Coordenador do Núcleo de Estudos e Pesquisas Ambientais (Nepam/Unicamp).

Abstract

The paper studies sexual intercourse images in Roman imperial coinage. They refer directly to sexual intercourse, but may also be interpreted as suggestive allusions to relations between subjected people and their masters. An interdisciplinary approach includes a mix of historical, anthropological, semiotic and numismatic perspectives.

Keywords: Numismatics, Rome, eroticism, power, interdisciplinary.

INTRODUÇÃO

O estudo das moedas tem estado centrado em questões econômicas (ANDREAU, J., 2010), em primeiro lugar, e, em seguida, em aspectos sociais (CARLAN, C.U.; FUNARI, P. P. A., 2012) Menor atenção tem sido dada às conotações e ao simbolismo presentes na iconografia (CARLAN, C. U., 2013), às suas implicações metafóricas. Neste artigo procuramos investigar como as representações de relações sexuais, presentes em cunhagens romanas do período imperial, podem ser lidas tanto como referências a práticas sexuais, como também como alusões, ainda que indiretas e sutis, às relações entre governantes e governados. Esta transposição do explícito – o intercurso sexual – ao implícito – o relacionamento entre povos, governantes e governados – requer uma abordagem linguística (FUNARI, P. P. A., 1999) e semiótica (MARQUETTI, F. R.; FUNARI, P. P. A., 2012). O argumento central deste artigo é que a troca sexual, representada no objeto de troca comercial, a moeda, referia-se tanto às relações privadas de poder, como às públicas.

DAS TROCAS

A Antiguidade Clássica apresenta-nos uma enorme variante de artefatos dos quais podemos extrair informações sobre as condições sociais,

políticas, religiosas dos povos. Um desses artefatos é a moeda. Mais que um simples elemento de troca monetária, a moeda tornou-se um dos principais meios de comunicação e divulgação dos governantes na Antiguidade, perpetuando toda uma visão de mundo associada a eles e aos períodos.

Circulando a mais de 2.500 anos pelo planeta, as moedas revelam os bastidores da política, das conquistas territoriais, da imagem desejada pelos governantes que as cunharam. Espécie de marketing da época, elas registram de forma indelével a ascensão e a queda de impérios, os acordos internacionais e as relações de poder entre os imperadores e territórios conquistados.

Dentre as inúmeras imagens cunhadas, nosso foco será as moedas, consideradas pela nossa sociedade como eróticas, do Principado romano, séculos I a.C. a II d.C.. Estas circulavam por todo o território imperial, ocidente e oriente, e algumas possuíam em seus aversos e reversos cenas de cópula. Ligadas ao apogeu do Império Romano, elas nos indicam uma clara visão das relações do Império e seus aliados e/ou dominados.

A troca estabelecida entre as fronteiras, por meio das moedas, implica aceitação/submissão do território ao Império, além de propagar, de forma relativamente sutil, o poder e a força de Roma sobre este. Ao longo de toda a história é possível observar uma estreita relação entre as vitórias guerreiras e as imagens cunhadas: desde guerreiros, sátiros, animais (touro, leão, águia), busto de governantes e de deuses. Em sua maioria, as imagens buscam reforçar o poderio bélico, a pujança guerreira e dominadora do governante.

Os símbolos que habitam a numismática estão dotados sempre de uma clara organização hieroglífica, pois procedem do fato de que essas imagens difundidas se articulam sempre com o idioma figurado, no qual o poder se expressa secularmente. Trata-se, segundo de la Flor, do surgimento

de representações de águias, leões, como também de torres, cruzes (FLOR, F., 1995,183), da fênix, de imperadores ou de personagens pertencentes a uma elite político-econômica, que representam a órbita de ação do poder, chegando ao ponto em que a numismática pode ser definida “como um monumento oficial a serviço do Estado.” (FLOR, F., 1995,186) Lembramos ainda que, como afirma Cassirer, “...em lugar de definir o homem como um animal *rationale*, deveríamos defini-lo como um animal *symbolicum*.” (CASSIRER, E. ,1977,70)

A moeda é um documento e pode informar sobre os mais variados aspectos de uma sociedade. Tanto político e estatal, como jurídico, religioso, mitológico, estético.

Sem dúvida alguma é o terreno das ideias políticas e a propaganda onde é mais fecundo o serviço da Numismática à História...[Devemos] refletir sobre a significação da moeda no mundo antigo, num mundo onde não existiam meios de informação comparáveis aos nossos, onde o analfabetismo se estendia a numerosas camadas da população. A moeda é um objeto palpável, objeto que abre todas as portas e proporciona bem estar. Nela pode-se contemplar a efigie do soberano, enquanto os reversos mostram suas virtudes e a prosperidade da época: *Felicitas Temporum, Restitutio Orbis, Victoria e Pax Augusta*...são slogans, propaganda. (ROLDÁN HERVÁS, J. M., 19775,166)

Nesse sentido, as moedas criavam uma estreita relação entre o bem estar (advindo do poder aquisitivo) e o Imperador, induzindo o povo romano a estabelecer correlações simbólicas que norteavam, de forma mais ou menos inconsciente, padrões de conduta e de sentimentos em relação ao Império (*res publica*) e seu governante. A leitura das imagens representadas nas

moedas estimulava tanto o orgulho de pertencer/compartilhar da grandeza do Império, quanto o respeito/medo de se opor a essa máquina governamental poderosa

Em nossa abordagem selecionamos algumas das moedas mais representativas e buscaremos explorar a ligação estabelecida entre as escolhas das imagens, feitas pelos imperadores e príncipes romanos, e os fatos históricos do período.

DAS ESCOLHAS

O que nos chamou a atenção nas moedas do período do apogeu do Império Romano foi a casual substituição do uso do busto do Imperador pelas representações eróticas. Embora uma análise rápida nos forneça indícios de que essa relação entre governo/erotismo/sexo já estivesse presente antes, de forma atenuada, com a presença de deusas e deuses ligados à fertilidade, como Vênus, Baco, ou animais a eles consagrados, este uso se intensifica no Império.

Um exemplo é o Denário, moeda romana de prata, de grande circulação durante o final da República e início do Império, cunhado por Júlio César, Roma - 44 a.C.. Neste, vê-se no anverso o busto do imperador com véu, representado como *Pontifex Maximus*, sob a legenda de ditador perpétuo; no reverso, Vênus traz na mão direita uma Vitória alada. A presença de Vênus, antepassada mítica da família Júlia e deusa do sexo, trazendo uma Vitória alada na mão direita, já subsume uma ligação entre o sexo, a vitória/poder e o governo de César, apesar de seu assassinato nesse mesmo ano orquestrado por Brutos.



AR Denario de Júlio César. Moeda cunhada na primeira casa monetária de Roma no ano 44 a.C.

Referência: The Roman Imperial Coinag. Edited by Harold Mattingly, C.H.V. Sutherland, R.A.G. Carson. V. I e II. London : Spink and Sons Ltda, 1983.

Vênus tinha papel importante no mundo Romano, sendo venerada com diversos epítetos, tanto como protetora do poder como das prostitutas, a deusa tinha como apanágio os valores ligados ao sexo: a fertilidade, que dentro do contexto cultural mais requintado se traduz por riqueza, substituição já estabelecida entre os gregos⁴, mas que não apagou os semas sexuais implícitos em seu culto. Observa-se, na verdade, um amalgama desses valores: fertilidade/riqueza/poder, tornando-os intercambiáveis no imaginário do povo, ressignificando a imagem da deusa e do sexo. As referências a Vênus são recorrentes na literatura latina, como em Catulo, poema 3:

² Sobre o tema ver o capítulo 1: Os segredos de Afrodite, em MARQUETTI, F.R.: *Da sedução e outros perigos. O Mito da Deusa Mãe*. São Paulo: ED. UNESP, 2013.

Muito além do prazer...

Lugete, o Veneres Cupidinesque,
Et quantum est hominum venustorum

Podeis chorar, ó Vênus, ó Cupidos,
E quantos homens mais sensíveis vivam.
(tradução de João Angelo Oliva Neto)

Chorai, ó Vênus e Cupidos, e em vós, homens.
Tudo o que for sensível à beleza.
(Tradução de Péricles Eugênio da Silva Ramos)

A utilizar a imagem de Vênus em sua moeda, Cesar faz uso deste amalgama, levando os súditos de Roma a interpretá-lo como governante potente (fértil e viril), forte, vitorioso e capaz de trazer a riqueza para o Império, além de associa-lo ao prazer e à sedução. O apelo da imagem de Vênus não se restringia à elite, como atestam grafites pompeianos como CIL IV, 5296/8:

*sic Venus ut subito coiunxit | corpora amantum
assim Vênus, tão logo juntou os corpos dos amantes⁵*
(nossa tradução)

Antes de Cesar, Alexandre III, da Macedônia, também cunhou moedas nas quais aparece no anverso com a tiara de cornos de Amon – chifre de carneiro, enquanto no reverso, vê-se o sol de Vergina ou deuses, como Athena armada, sentada sobre um trono, e tendo na mão direita uma Vitória Alada, tal qual a Vênus de Cesar.

O uso dos cornos de Amon por Alexandre possui a mesma implicação, se não maior, que a presença da Vênus na moeda de Cesar. Os cornos ou chifres dos grandes bovinos são intercambiáveis ao falo e às armas, como a

⁵ Cf. FUNARI, P.P.A. Romanas por elas mesmas, *Cadernos Pagu*, 5, 1995, 179-200.

lança e a flecha, desde o Paleolítico⁶. O uso dos chifres de carneiro conota um compartilhamento dos valores fertilizadores e viris do animal com o guerreiro/ Rei Alexandre, este igualmente dotado de força física, poder bélico e pujança fertilizadora, entendida como fonte de riqueza. Como no caso da moeda de Cesar, o sexo, o poder fertilizador se faz presente sob uma carapaça cultural bem conhecida do homem do período. A Vitória alada, nas mãos da deusa Athena, indica as conquistas do exército, de território, a vitória sobre todos os oponentes e associa Alexandre III à inteligência e à astúcia, dons ligados à divindade Athena.

A presença de animais potentes, como o leão, a águia ou o touro⁷, associados à força, virilidade, agressividade, pode ser visto como uma variação do falo ou dos deuses ligados ao sexo e à fertilidade, fecundidade. Em geral, esses animais são manifestações do deus (a), consagrados a eles justamente pelo seu poder gerador. Na moeda abaixo, de Augusto, a presença de um touro em posição de ataque na face reversa à do busto do

⁶ O homem paleolítico estabelece uma equivalência entre o chifre, a flecha/arma e o falo, criando uma fratura, uma metamorfose radical, transferindo os valores de um objeto a outro, num processo de fusão sincrética de dois termos opostos: natural x cultural, representando um todo que é da ordem do mítico – a agressividade/força/pujança sobrenatural capaz de fertilizar a Terra, gerar vida, mas também a morte. Para um estudo mais aprofundado sobre o tema, ver FUNARI, P.P. A e MARQUETTI, F. R. Reflexões sobre o falo e o chifre: por uma arqueologia do masculino no Paleolítico. *Revista Dimensões*. UFES, nº 26, 2011.

⁷ A águia foi utilizada por Ptolomeu III em uma *Hemidrachma* (34mm, 35,24g, 12h), moeda de bronze batida em Alexandria, cerca de 245-222 a.C. Ave símbolo de Zeus, a águia, como o leão e o touro, é um símbolo de força, poder, coragem e virilidade. O leão e o touro assumem, geralmente, o papel de consortes da Deusa Mãe e de deusas da fertilidade posteriores, como Afrodite, Vênus, Ísis. Desde os períodos Paleolítico e Neolítico ela é representada junto a um touro, ou mesmo, parindo um pequeno touro. No período creto-micênico, a Grande Mãe é associada à árvore e sua representação como Senhora dos Animais a une ao touro selvagem. Em Creta o touro selvagem, antes de ser domesticado, era caçado com redes, tendo uma vaca por chamariz. Na Grécia, o leão assume seu lugar ao lado da *pótnia*. Ambos compartilham os signos de ferocidade, virilidade, força e coragem e, enquanto caça, devem ser subjugados pelo caçador. O touro e o leão estão geralmente associados a deuses como Zeus, Posidão, Dioniso/Baco, todos sedutores e sexualmente muito ativos. MARQUETTI, F. R.: *Da sedução e outros perigos. O Mito da Deusa Mãe*. São Paulo: ED. UNESP, 2013.

imperador, estabelece a equivalência entre este e os poderes fertilizadores e agressivos do animal. A inscrição em torno do busto, *Divino Augusto*, reforça o sema de pujança de Augusto, equiparando-o a um deus, portanto, potente sexual e militarmente, detentor de poder sobre a vida de outros.



Augusto (Divus)/Touro. (15/13 a.C.)
AR Denario (18mm, 3,77g)

Muitas das legendas monetárias continuaram a ser representadas durante os séculos vindouros. Como o touro, totem, atribuído à família Bórgia, principalmente o Papa Alexandre VI (Rodrigo Bórgia), mas também presentes nas moedas de Juliano, o apóstata⁸. Explicitando esse conjunto de significados, algumas moedas romanas, como as *Sprintiae*, trazem em uma de suas faces a representação de falos: isolados, dotados de asas (ou não), ou em cópula, eles materializam o poder fertilizador, de proteção e agressivo do imperador.

⁸ Na propaganda protestante de 1552, nos Estados Alemães, Lutero é apresentado sobre a forma de *Hercules Germanicus*, isso é paramentado com uma pele de leão, empenhado em golpear com uma clava Aristóteles e Tomás de Aquino (GINZBURG, Carlo. *Mitos, Emblemas e Sinais*. Morfologia e História. Tradução de Federico Carotti. 1ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras: 1989, 68). Lembrando as moedas de Maximiano (catálogo p. 202, n. 11). CARLAN, Cláudio Umpierre. *Moeda Poder em Roma: um mundo em transformação*. São Paulo: Annablume, 2013, p. 7.



Sabemos por diversos estudos que as representações fálicas eram bastante comuns tanto para os gregos quanto para os romanos, que viam no falo um símbolo de proteção e de propiciação à fertilidade, riqueza e sorte (FUNARI, P. P. A., 1995). Ele era, portanto, um símbolo familiar ao cotidiano romano, colocado em muros, vias públicas e em locais que demandavam especial proteção dos deuses. Mais que retratar o órgão sexual masculino, o falo é, na verdade, um objeto religioso, relacionado ao culto de vários deuses, como Baco, Priapo (OLIVA NETO, J. A., 2006), Pan e mesmo Hermes, e como tal deve ser representado sempre em ereção, indicando sua capacidade procriadora e fértil, além de seus poderes apotropaicos, de proteção⁹. Valores esses advindos de sua correlação com o chifre e as armas, o poder guerreiro, simultaneamente, protetor da vida da comunidade e gerador da morte para os inimigos.

Além dos animais, dos falos, as cenas eróticas surgem nas moedas muito antes do Império Romano. Assim, na moeda trácia, uma das primeiras encontradas, é representada uma cena de estupro. Talvez aos olhos de hoje isso não seja tão evidente, mas o rapto da jovem ninfa por um sátiro possuía

⁹ Sobre esse assunto, conferir: FUNARI, P. P. A. Falos e relações sexuais; representações romanas para além da "Natureza". In: FUNARI, P. P. A., FEITOSA, L. C. e SILVA, G. J. *Amor, desejo e poder na Antiguidade. Relações de gênero e representações do feminino*. 2ª ed. São Paulo: Fap-Unifesp, 2014.

significado bem claro para os homens da Antiguidade, pois, em termos de narrativa mitológica, os sátiros eram tidos como bestas sexuais, insaciáveis, sempre perseguindo ninfas e mortais para satisfazer seus desejos.

A cena de estupro, apesar da violência, conota a celebração natural da fertilidade. A violência sexual contra o feminino é entendida, em largos círculos na Antiguidade, sob um prisma ambíguo: cruel e necessário. Enquanto violência, ela deverá ser punida, mas é necessária para que as forças da natureza renasçam. O sacrifício (estupro) da jovem dará lugar a algum bem para a comunidade, em geral fontes de água ou nascimento de frutos/plantas (MARQUETTI, F. R., 2013). É em função dessa ambiguidade que a imagem nos apresenta o olhar frontal entre os personagens; a figura do sátiro itifálico indica o arrojo sexual contra a vontade da jovem ninfa, uma conquista por meio da violência; a imagem de um golfinho, atrás da jovem, remete ao mar, a terras conquistadas além-mar, tomadas à força, mas que resultam em ganhos para a comunidade: riqueza, fartura.



*Ar Stater (22mm, 8.96g) – Ilhas da Tracia, Thasos.
Batida cerca de 500-463 a.C.*

Essa dupla função dada ao falo desde a pré-história, poder gerador e bélico, somado à codificação cultural das posições sexuais norteia a escolha de cenas eróticas para a cunhagem de moedas, pois, enquanto instrumentos de troca e poder do Estado (*res publica*), elas estabelecem dois grupos de sentido:

1. Poder sobre o outro: território, reinos, povos conquistados – **com uso da força.** Neste grupo, analisaremos as moedas que trazem a representação de práticas sexuais não consentidas, como o rapto/estupro, ou marcadas pela desigualdade social (senhor/escravo), quando a submissão do mais fraco é inevitável e implica vergonha, dor, ausência de desejo. Estas cenas indicariam invasões e tomadas de territórios com uso da força militar, vitória esmagadora, com rendição forçada. O uso da cena nas moedas faria lembrar a todos o opróbrio sofrido pelos vencidos, *manu militari*;

2. Poder sobre o outro: território, reinos, povos – **sem uso da força, por meio de alianças.**

Neste, a análise recai sobre as cenas que conotam o sexo consentido, sem o uso da força, de forma mais branda, por meio de acordos ou alianças, designando prazer entre ambas às partes. Nestas há o reconhecimento da superioridade de Roma por parte do território invadido, porém eles se tornam parceiros, na longa tradição de estabelecer um acordo (*foedus*) ou sociedade (*societas*), em aliança menos desigual entre as partes.

Esses dois grupos de moedas estabelecem mensagens bem claras a todos que se encontram no caminho do poder discricionário (*imperium*) Romano. As do primeiro grupo, a relação de sujeição, serviria como advertência, dos perigos de se opor a Roma, uma estratégia de guerra bem interessante: atemorizar o inimigo para obter a rendição mais facilmente. Em contrapartida, as imagens do segundo grupo, submissão voluntária, a partir

de alianças com Roma, apontam para um tratamento diferenciado, mais amistoso, menos violento, que permite uma certa igualdade entre os pares e, sobretudo, um compartilhamento, por parte do subjugado, dos poderes de Roma, assegurando um status de aliado. Isso beneficia tanto a Roma, em sua expansão, pois garante alianças no lugar de batalhas, quanto ao território que se submete, pois este poderá contar com o poder militar de Roma contra os inimigos, ou seja, poderá infringir a eles o mesmo tratamento do primeiro grupo. Enfim, a mensagem emitida nas moedas é clara, melhor se unir a Roma que se opor a ela e a seus aliados.

DOS PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Em todo discurso imagético é possível detectar a montagem de estruturas gramaticais, ou seja, indicações de relação e correlação entre os termos empregados na cena. A análise desta em seus constituintes mínimos isola atores (personagens) e processos (ações) potencialmente articuláveis entre si e que constituem uma unidade de sentido, como aponta Edward Lopes (1986, 72). Dessa forma, existe, nas montagens das estruturas retóricas do discurso imagético, uma analogia codificada pela cultura e outra resultante da contextualização. A analogia contextual, oriunda do processo de leitura da imagem, “atua como uma relação de citatividade que se articula entre duas imagens localizadas como paráfrases uma da outra em diferentes pontos do mesmo discurso, fundando nele diferentes tipos de relações” (Ibidem,75).

Tomando os dois grupos de moedas já citados como exemplo, se considerarmos o segmento que engloba a configuração total da ação /ter relação sexual/ como plano de expressão gestual do sentido “contrato de poder”, veremos que o conjunto configurado /ter relação sexual/ exprime as relações significantes a partir da articulação de seus segmentos constituintes,

/aquele que possui/, homem, manifestando seu papel de *dominador*, e o outro /aquele que é possuído/, mulher ou escravo, manifestando seu papel de *dominado*.

Portanto, a polarização da gestualidade: /possuir/ vs /ser possuído/ funciona como plano de expressão da inflexão semântica: /dominar/ vs /ser dominado/.

A partir desses pares opositivos é possível estabelecer ainda a modalização tímica, ou seja, os estados de ânimo dos sujeitos. Esse quadro comporta variações que vão do eixo da *euforia* ao eixo da *disforia*, implicando toda uma gestualidade marcada pela tensão vs relaxamento.

A partir desses pressupostos iniciaremos as análises dos grupos de moedas.

GRUPO 1 – SUBMETIDOS

Este primeiro grupo é composto pelas imagens que conotam a submissão involuntária. Esta é bastante clara em função do gesto senhorial, *eufórico*, entendido aqui como distenso, expressado pelo homem /*dominador*/ e pela *disforia*, tensionamento ou, ao menos, não relaxamento, apresentado pela mulher /*dominado*/.

1a. Posição frontal

Fellatio (felação) – Moeda 1

A felação (*fellatio*) era entendida, de longa data e em certos círculos, como sinal de submissão, como atesta um fragmento referente ao deus Priapo:

<priapo> de meo ligurrire libido est
O desejo de degustar meu <priapo>
(Frag. 2. Tradução de João Angelo Oliva Neto.)



Spinae, cunhadas durante governo de Augusto e Tibério, em Roma,
Templo de Juno Monera, uma das casas monetárias mais antigas de Roma.

Cena: feleção – homem reclinado sobre leito, apoiado sobre antebraço direito, o esquerdo encontra-se elevado sobre a cabeça – posição distensa, de domínio; mulher sentada afastada do corpo do homem, escanchada sobre o leito, olhos baixos, voltados para a ação – não há reciprocidade, ou prazer, indicando tensão– ela assume a postura de escrava ou prostituta. A submissão é realçada pela oposição dos espaços e volumes: alto vs baixo// maior vs menor, a figura masculina maior e mais alta que a feminina.

Chama a atenção o formato do falo, semelhante a uma lança, remetendo, dentro da analogia contextual e das análises antes apresentadas, ao domínio exercido pela força militar/bélica. No canto superior esquerdo, atrás da mulher e na altura dos olhos do senhor, uma pequena estrela em alto relevo, colocada como que em um nicho circular.

A estrela representa/legitima Augusto como sucessor de César. Segundo Suetônio, quando César foi assassinado, Augusto viu um cometa ou

estrela cadente passando, teve o presságio de que era César reconhecendo seu sobrinho neto como herdeiro¹⁰. Ela é um símbolo do Imperador e, portanto, conota seu domínio sobre o território subjugado, obrigado a atender aos seus desejos, tal qual uma prostituta ou escrava.

No reverso desta moeda encontramos o VII emoldurado por coroa de louros, símbolo natural de vitória concedida ao comandante romano, durante triunfo, que referenda o sentido do anverso, de vitória bélica sobre um território.

Essas cunhagens eram usadas para pagamento de legionários, que por sua vez pagavam vários serviços, inclusive das prostitutas estrangeiras. Por isso a confusão nas interpretações mais tradicionais.

Até hoje pouco sabemos sobre essas acunhações. A versão mais conservadora defende uma crítica do senado contra a moralidade do governo de Augusto. Porém, o senado perdeu o controle das cunhagens durante governo do Imperador Augusto. Não haveria condições políticas para impor uma cunhagem contra ou criticando a administração.

Outra versão, defendida pela maioria dos pesquisadores, seria a de que essas moedas serviam como uma “senha” para a entrada no lupanário (prostíbulo), indicando o serviço desejado e, no reverso, o número do quarto. Porém, por que cunhar uma peça no Templo de Juno para uso tão específico? Registros encontrados em Pompeia identificam, nas paredes dos prostíbulos, seus serviços, não havendo necessidade de um disco de metal para isso (FEITOSA, L. C., 2006).

Podemos notar representações similares, datadas do mesmo período, nas acunhações a seguir.

¹⁰ Shakespeare também cita essa passagem quando Marco Antônio reconhece Otávio como herdeiro de César.

Masturbação – Moeda 2



Spintrae, cunhadas durante governo de Augusto e Tibério, em Roma, Templo de Juno Monera, uma das casas monetárias mais antigas de Roma

Como na moeda anterior, o homem está reclinado/sentado sobre leito, apoiado sobre antebraço direito, o esquerdo, soerguido, apoia a mão sobre a cabeça – posição distensa e de domínio; a mulher sentada escanchada sobre o leito e as pernas do homem, presta-lhe um serviço, a postura ereta da mulher, indica tensão, em oposição à do homem, ou seja, ausência de prazer por parte dela. O corpo afastado da mulher, reforça a indicação de serviço prestado e não de reciprocidade, ou prazer – ela deve ser uma escrava ou prostituta – e novamente conota o domínio do homem/Imperador sobre o território subjugado.

No reverso, encontramos o X emoldurado por coroa de louros, referendando o sentido do anverso, de vitória bélica sobre um território. A coroa de louros simboliza vitória em triunfo, influência etrusca no mundo romano.

1b. Posição a tergo

Sodomia – Moeda 3



Spintrae, cunhadas durante governo de Augusto e Tibério, em Roma, Templo de Juno Monera, uma das casas monetárias mais antigas de Roma

Neste sub-grupo é marcada de forma mais acentuada, que no anterior, a submissão e a violência infrigida, uma vez que a gestuaidade assumida pelo homem é de dominador/ativo, enquanto à da mulher é de dominada/passiva. No anverso da moeda observa-se uma cena de sodomia (sexo anal), a mulher de quatro, e homem de joelhos; ele a mantém sob uma rédea/coleira¹¹. A coleira indica claramente a relação de dominação/controle do

¹¹ Os BDSM, sigla que surgiu na década de 90, junção dos termos: Bondage (amarracão, imobilização) & Disciplina, Dominação & Submissão, Sadismo & Masoquismo, são grupos de praticantes dos fetiches incluídos na sigla, fazem uso frequente de coleiras para indicar o escravo/bottom e seu Senhor/TOP. A coleira de sessão pode ser mais refinada, especialmente produzida para uso de dominação, ou ser uma comum usada em cachorros. No entanto, tendo em vista o preconceito social, não seria prudente alguém sair usando uma coleira de cachorro com o nome do dono, então se criaram coleiras sociais, que são mais discretas; podem ser apenas colares com pingentes ou símbolos que remetam a lembrança constante do dono e de que a escrava que a porta a ele pertence. Não obstante se possa usar uma coleira em qualquer sessão, mesmo que seja uma sessão esporádica e sem intenção de manter-se uma relação duradoura — apenas como um fetiche ou para mostrar quem manda — é comum que os TOP que também sejam donos, façam cenas ou cerimônias de encoleiramento. Essas cerimônias envolvem alguns procedimentos especiais, sendo que no final a escrava(o) é encoleirada(o). Fuentes Rodríguez, César: *Mundo Gótico*. Quarentena Ediciones, 2007, [ISBN 978-84-933891-6-1](https://www.isbn.org/9788493389161)

homem sobre a mulher. Embora ele também possua uma rédea/coleira atada ao pescoço, esta encontra-se solta, não é tencionada por ninguém. O fato de ambos estarem coroados – leva-nos a pensar em uma relação sexual entre rei/rainha ou pessoas livres, mas que no jogo simbólico estabelecido pelo gesto dominador/dominado, ainda prevalece a submissão de uma das partes à outra.

Retomando o início da discussão dos grupos, esta moeda poderia representar a sumissão de território através do poderio bélico e violência (mulher sodomizada e com coleira), a outro território - aliado de Roma- (homem com coleira solta), preconizando os perigos de se opor à Roma e seus aliados.

A moeda, rica em detalhes, traz ainda no anverso, sob o leito alto, à direita (sob o homem) um falo estilizado, semelhante a um homem sentado, a cabeça seria a glândula – o falo como símile do chifre e, portanto, da espada já comentado anteriormente, conotaria aqui o poder bélico do homem. No caso desta *Spintrae*, o homem-falo indica o poder de Augusto sobre o Senado (*Senatus*) - S trespassado por um cravo. O senado encontra-se controlado (cravado, imobilizado) por Augusto neste período, embora ainda mantenha uma relativa posição de respeito e realzeza.

À esquerda (sob a mulher) uma jarra, símbolo do feminino, do útero, e que deveria conotar, a princípio, fertilidade, porém como o sexo praticado é estéril, não visa a fecundação, podemos tomar a jarra/feminino em seu aspecto negativo, ou seja, recipiente devorador de riquezas, que consome a fonte de vida e a extingue (MARQUETTI, F. R., 2013). Ou ainda como sêma de sacrifício, corroborando a leitura feita até o presente, pois a imagem remete aos jarros sacrificiais utilizados nas *Aruspicação*, *Hepatomancia*, *Hieromancia*, leitura das entranhas de animais (pombos).



Detalhe da *Spintrae*, cunhada durante governo de Augusto e Tibério, em Roma

Reverso, VI emoldurado por coroa de louros, confirma a vitória bélica e o poder sobre outrem. Como veremos na análise da moeda 7, Roma domina o Egito, de onde recebe o trigo para alimentar todo o império, teríamos, dessa forma, uma correlação entre esses dominados: o homem dominador – Senado/Roma // mulher sodomizada - Egito.

INTERMEDIÁRIAS

Ocupando uma posição intermediária entre os dois grupos, as duas moedas a seguir, embora explorem igualmente a dominação do homem/Imperador romano sobre a mulher/território conquistado, apresentam alguns detalhes na gestualidade que conotam uma submissão desejada; isso se dá em função da troca de olhares estabelecido entre os pares. A importância do olhar nas relações sociais, tal como representado nas pinturas e imagens em época romana, foi estudada por Mireille Corbier, com destaque para o tema do entreolhar-se como sinal de desejo e comprometimento mútuo das

partes (CORBIER, M., 2007, 326-327). Portanto, o fato dos personagens se entreolharem indica um provável consentimento/desejo da mulher/dominado pelo homem/dominador, a ausência do falo/armas explícito subssume acordo entre as partes, a superioridade do homem/Roma fica explícita pela posição de submissão e oferecimento da mulher, de quatro.

La levrette (Dominação de quatro) ou 4 apoios – Moeda 4



Spintrae, cunhadas durante governo de Augusto e Tibério, em Roma, Templo de Juno Monera, uma das casas monetárias mais antigas de Roma

O sexo praticado nesta cena traz detalhes curiosos, embora a posição da mulher, em oposição à do homem (relaxamento), possa ser qualificada ainda como de tensão, o fato dela dirigir-lhe o olhar e posicionar-se como que se oferecendo a ele, indica um estado de euforia (distensão/prazer) para o conjunto. Como não há a explicitação de falo/armas na cena, é possível se pensar em um acordo entre as partes.

Reverso – XIII emoldurado por coroa de louros.

Bastante semelhante, a próxima moeda, também se caracteriza pelo entreolhar-se dos parceiros e o sexo *a tergo*, porém a proximidade dos corpos e dos rostos, a gestualidade distensa da mulher, deitada no leito, e o homem escanchado sobre ela, demonstra uma igualdade maior entre os atores. A submissão da mulher é bem menos flagrante que na anterior, em contrapartida a superioridade do homem é mantida em função da posição.

De forma clara, teríamos nessa moeda o início do próximo grupo, o que conota as alianças estabelecidas pelos Imperadores com os territórios, sem o uso de violência ou força militar, e sim em comum acordo.

A tergo (por trás) – Moeda 5



Spintrae, cunhadas durante governo de Augusto e Tibério, em Roma, Templo de Juno Monera, uma das casas monetárias mais antigas de Roma

GRUPO 2. ALIANÇAS

Neste grupo encontram-se as moedas cujas cenas eróticas revelam posição de igualdade entre as partes. Além de não termos a presença da violência, dor, submissão forçada do dominado/mulher, é comum a todas elas o entreolhar-se e a posição privilegiada da mulher em relação ao homem.

Essa posição privilegiada é depreendida pelo lugar que o corpo feminino ocupa: o primeiro plano, a frente da cena; enquanto o corpo masculino fica em segundo plano, atrás do corpo feminino. Enquanto nas moedas anteriores, o corpo masculino ocupava o primeiro plano e/ou dominava a parte superior do espaço, e o da mulher encontrava-se abaixo e/ou preso entre os membros do homem – conotando o domínio deste sobre aquela; nesse segundo grupo ela possui maior destaque, encontra-se distensa, em relaxamento, com maior mobilidade, livre, conotando maior poder sobre a ação/sexo praticado.

Estas moedas parecem refletir o clima de alianças entre as elites provinciais na gestão imperial. Não por acaso, a união política era chamada de *coetus* (junção, reunião), enquanto a carnal era grafada *coitus* (coito, relação sexual), no fundo uma só palavra, com duas pronúncias. Neste sentido, os líderes locais “dormiam” com os romanos desde o início das relações de amizade (*amicitia*), aliança (*societas*) e contrato (*foedus*). Isso ocorre já no início da república romana, com o *foedus cassianum* (493 a.C.) (DAL RI, L., DAL RI JR., A., 2013, 300-314), e acentuou-se a partir do Principado (31 a.C.).

Frontal - Moeda 6



Spintrae, cunhadas durante governo de Augusto e Tibério, em Roma, Templo de Juno Monera, uma das casas monetárias mais antigas de Roma

Diferentemente das anteriores, nesta moeda, a mulher se entrega às carícias do homem, está relaxada, deitada sobre o leito, enquanto ele está sobre ela; os olhares se cruzam, os corpos e os rostos estão próximos, conotando sexo consentido e prazer na relação: sexual e, portanto, política. Embora a espacialidade da cena coloque o feminino em destaque, a superioridade vertical da figura masculina, aliada ao gesto e ao fato dele estar sobre ela, conota o domínio masculino, portanto, do Imperador romano sobre o território aliado.

Coincidência ou não, as três moedas deste grupo apresentam cortinas emoldurando a parte superior da cena. No grupo anterior, apenas a moeda nº3 (Sodomia) a possuía, a mesma na qual os pares estavam coroados. O leito emoldurado por cortinas poderia indicar um plano superior na hierarquia, ou seja, não mais uma relação entre senhor/escarva/prostituta, mas entre

iguais, o que pode ser inferido a partir da sugestão iconográfica de cena de alcova, presença das cortinas.

Frontal – Moeda 7

A mulher, reclinada sobre o leito, parece não se opor ao sexo – se deixa conduzir pelo homem, que em pé a possui. A troca de olhares, a equiparação das alturas, a proximidade dos corpos e a posição mais confortável dela do que a do homem – parecem indicar uma aliança entre territórios iguais, embora o ativo seja o homem/Roma, o território conquistado possui vantagens na ligação com o Império.

O S reaparece no centro inferior, entre as pernas do homem, agora sem o cravo. Na época dessa cunhagem, Augusto aumentou o número de senadores para ter maioria, por isso, a igualdade de decisões e poderes. O controle de Roma não está no mármore do Senado e sim no apoio da plebe e suas tradições. O Senado é a principal tradição romana, desde a monarquia, os senadores lutaram contra os reis etruscos que dominavam a cidade, mantendo esse poder durante a República e perdurando no Império. Contrapondo esta *sprintae* com a de número 3 – na qual também aparecia o S, nota-se que a posição histórica era de vantagem absoluta para o Imperador naquela, enquanto nesta há um maior equilíbrio entre ele e o Senado.

Nesse período, qualquer senador só poderia visitar o Egito com autorização de Augusto. Pois o Egito era responsável pelo abastecimento de Roma e todo o império com trigo, qualquer senador ambicioso que fosse ao Egito, poderia começar uma revolta, pois controlaria o trigo. “A fome mata mais que a espada”, diz Vegécio.



Spintrae, cunhadas durante governo de Augusto e Tibério, em Roma, Templo de Juno Monera, uma das casas monetárias mais antigas de Roma

A tergo (por trás) – Moeda 8



Spintrae, cunhadas durante governo de Augusto e Tibério, em Roma, Templo de Juno Monera, uma das casas monetárias mais antigas de Roma

Nesta última moeda observa-se também uma maior igualdade entre os pares, ambos coroados, entreolham-se com proximidade dos corpos. A mulher, sobre o leito, apoia uma das mãos sobre o travesseiro e a outra segura o antebraço do homem. A posição em paralelo, a igualdade de altura dos corpos revela a equidade dos parceiros/atores. Como nas anteriores, o sexo/conquista territorial/domínio parece ser desejado pelo dominado.

CONCLUSÃO

O estudo da iconografia, a partir de esquemas arquetípicos, tem se revelado produtivo e fértil¹², na medida em que permite observar como posições de corpos em uma imagem revelam muito mais do que o explícito ou o óbvio (LAGOPOULOS, A. Ph., 1995/6, 10-17). Claro, uma *fellatio* ou uma penetração *a tergo* podem ser entendidas quase de maneira transcultural e mesmo fora da periodização histórica. Para além disso, contudo, esses atos sexuais não existem no vácuo cultural, mas, ao contrário, adquirem contornos específicos, em cada circunstância e contingência histórica concreta (CAVICCHIOLI, M. R., 2008,187-194). No Principado romano, a representação de corpos em atos sexuais nas moedas permitia diversos níveis de leitura, por parte das pessoas comuns que as manuseavam. Em primeiro lugar, mostravam a variedade de intercursos sexuais, alguns deles, inclusive, que podiam ser obtidos com o uso de moedas, como pagamento, portanto. Em seguida, podiam servir de estímulo, de ambiência, para os enlances concretos, como sugerem, ademais, imagens semelhantes que aparecem em lamparinas e espelhos usados, supõe-se, nas alcovas. Mas

¹² Cf. CHEVITARESE, A. L.. O Uso do Modelo Iconográfico de Tipo Universal (Mãe / Filho) pelos Cristãos: Maria, Menino Jesus e a Ilegalidade Física do Filho de Deus. *Estudos de Religião*, São Bernardo do Campo, v. 26, p. 81-91, 2004.

havia, também, uma dimensão mais política, na medida em que as moedas, *ab initio*, eram e são uma manifestação oficial voltada a propagar (CARLAN, C. U., 2009) certos valores. Assim, por transposição, pode supor-se que os corpos em intercurso fossem lidos pelas pessoas também como uma imagem da relação de poder entre os romanos e os outros, como está na Eneida (6.851-3) de Virgílio (RUDD, W.J.N , 1983, 35-50):

Tu regere imperio populos, Romane, memento
(haec tibi erunt artes), paci que imponere morem
Parcere subiectis et debellare superbos

tu, romano, pensa governar com teu poder os povos
(estas serão tuas artes), e dar normas à paz,
Perdoar os submissos e abater os soberbos.
(nossa tradução)

Só ao povo romano caberá a tarefa de impor as
leis, governar os povos, propor as condições de
paz, poupar os submissos e subjugar os soberbos.
(tradução em prosa¹³)

Mas tu, romano, aprimora-te na governança dos povos.
Essas serão tuas artes; e mais: leis impor e costumes,
Poupar submissos e a espinha dobrar dos rebeledes e tercos
(tradução de Carlos Alberto Nunes, in Virgílio, *Eneida*,
organização, apresentação e notas de João Angelo
Oliva Neto, São Paulo, Editora 34, 2014, p. 436).

tu, Romano,
Cuida o mundo em reger; terás por artes
A paz e a lei dictar, e os povos todos

¹³ <http://www.livros-digitais.com/virgilio/eneida/>

Poupar submissos, debellar suberbos.
(Tradução de Odorico Mendes)

O varão (*uir*) nas imagens de intercurso sexual está como o romano, enquanto a mulher pode ser entendida como aquele que aceita a sujeição ou mesmo é aniquilado, se resistente. As imagens em que a mulher aparece forçada a uma relação representa, de forma mais direta, o tratamento ao que se recusa, ao rebelde que é aniquilado, transformado em alguém que apenas serve ao dominador. Já as imagens em que há cumplicidade entre os parceiros amorosos, com os olhares que se entrecuzam e mesmo certo domínio feminino, mostram não apenas a aceitação da dominação, mas a aliança entre romanos e não romanos, naquilo que se convencionou chamar de alianças das elites durante o Império Romano. Seria possível supor que essa relação íntima, menos desigual, fosse atrativa não só para os hierarcas locais, mas também para aqueles que, de alguma forma, se beneficiavam da ascensão social, como os libertos privados e imperiais (FABRE, G., 1981, 125-127.). As imagens das relações sexuais nas moedas, portanto, muito além de representarem desejos humanos universais, serviam a diversos outros propósitos.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a Jean Andreau, Mireille Corbier, Lourdes Conde Feitosa, Alexandros Phaidon-Lagopoulos, José Remesal, João Angelo Oliva Neto, Glaydson José da Silva e Edward Lopes. Mencionamos o apoio institucional da Unicamp, Unifal-MG, CEIPAC / Universidade de Barcelona (Espanha), CNPq, FAPESP e FAPEMIG. A responsabilidade pelas ideias restringe-se aos autores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDREAU, J. *L'Économie du Monde Romain*. Paris: Ellipses, 2010.
- CARLAN, C. U. *Moeda e Poder em Roma: um mundo em transformação*. 1. ed. São Paulo: Annablume, 2013.
- CARLAN, C. U. Moeda: poder e propaganda ontem e hoje. *Phylla*. Rio de Janeiro, 1, 29 /1-7, 2009.
- CARLAN, C.U. ; FUNARI, P. P. A. *Moedas, a Numismática e o estudo da História*. 1. São Paulo: Annablume/Fapemig/Unifal/Unicamp, 2012.
- CARLAN, Cláudio Umpierre. *Moeda Poder em Roma: um mundo em transformação*. São Paulo: Annablume, 2013.
- CASSIRER, E. *Antropologia Filosófica. Ensaio sobre o Homem*. São Paulo: Mestre Jou, 1977.
- CATULLUS, G. V. *Carmina*, n.3. (c84 BCE - 54 BCE). In: OLIVA NETO, J. A. *Falo no Jardim: Priapéia Grega, Priapéia Latina*. 1. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2006. CAVICCHIOLI, M. R. The erotic collection of Pompeii: archaeology, identity, and sexuality. In: Funari, PP. A.: Garraffoni, R.: Letalien, Bethany. (Org.). *New Perspective on the Ancient World. Modern perceptions, ancient representations*. Oxford: Archeopress, 2008, 1782, 187-194.
- CHEVITARESE, A. L. O Uso do Modelo Iconográfico de Tipo Universal (Mãe / Filho) pelos Cristãos: Maria, Menino Jesus e a Ilegalidade de Física do Filho de Deus. *Estudos de Religião*, São Bernardo do Campo, 26, 81-91, 2004.
- CORBIER, M. *Donner à voir, Donner à lire. Mémoire et communication dans la Rome ancienne*, Paris, CNRS Editions, 2006; FUNARI, P. P. A. Resenha, *Classica*, 20, 2, 2007, 326-327.
- DAL RI, Luciene; DAL RI JR, Arno. *Cidadãos e latinos na experiência jurídica da Roma Antiga: novas possibilidades para um modelo de inclusão, Novos Estudos Jurídicos - ISSN Eletrônico 2175-0491 - A2 no Qualis Direito CAPES*, 18, 2, 2013, 300-314.
- FABRE, G. *Libertus. Patrons et affranchis à Rome*. Rome: École Française de Rome, 1981.

- FEITOSA, Lourdes Conde. *Amor e Sexualidade: o Masculino e o Feminino em Grafites de Pompéia*. São Paulo: Annablume, 2006.
- FLOR, Fernando de la. *Emblemas Lecturas de la Imagen Simbólica*. Madrid: Aliança Editorial, 1995.
- FUENTES RODRÍGUEZ, César: *Mundo Gótico*. Barcelona: Quarentena Ediciones, 2007.
- FUNARI, P. P. A. Apotropaic Symbolism At Pompeii: A Reading Of The Graffiti Evidence. *Revista de História, USP*, 132, 9-17, 1995.
- FUNARI, P. P. A. Linguística e arqueologia. *DELTA. Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada* (PUCSP. Impresso), São Paulo, 15, n.1,151-152, 1999.
- FUNARI, P. P. A e MARQUETTI, F. R. Reflexões sobre o falo e o chifre: por uma arqueologia do masculino no Paleolítico. *Revista Dimensões. UFES*, 26, 2011.
- FUNARI, P.P.A. Falos e relações sexuais; representações romanas para além da “Natureza”. In: FUNARI, P. P. A., FEITOSA, L. C. e SILVA, G. J. *Amor, desejo e poder na Antiguidade. Relações de gênero e representações do feminino*. 2ª ed. São Paulo: Fap-Unifesp, 2014.
- FUNARI, P. P. A. Romanas por elas mesmas. *Cadernos Pagu*, 5, 1995, 179-200.
- GINZBURG, Carlo. *Mitos, Emblemas e Sinais*. Morfologia e História. Tradução de Federico Carotti. 1ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 1989
- LAGOPOULOS, A. Ph. Semiotics and Archaeology: the symbolic meaning of art and space in Imperial Rome. *Revista de História da Arte e Arqueologia. Unicamp*, 2, 1995/6, 10-17.
- LOPES, EDWARD. *Metáfora. Da Retórica à Semiótica*. São Paulo: Atual Editora, 1986.
- MARQUETTI, F. R.; FUNARI, P. P. A.. Ritos e representações no Paleolítico: uma leitura semiótica. *Revista de História Regional*, 16, 154-180, 2012.
- MARQUETTI, F. R. Cap. 1. *Da sedução e outros perigos. O mito da Deusa Mãe*. São Paulo: Ed. Unesp, 2014

- NUNES, C. A. Virgílio, *Eneida*. In: OLIVA NETO, João Angelo. (organização, apresentação e notas). São Paulo: Editra 34, 2014
- OLIVA NETO, J. A. *Falo no Jardim: Priapéia Grega, Priapéia Latina*. 1. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2006. v. 1.
- ROLDÁN HERVÁS, J. M. *Introducción a la Historia Antigua*. Madrid: Ediciones Istmo, 1975.
- RUDD, W.J.N. The idea of empire in the “Aeneid”, *Hermathena*, No. 134 (Summer 1983), 35-50.
- SPINOLA, N. DINHEIRO, *Deuses e poder: 2500 anos de lendas, mitos, símbolos, fatos e história política das moedas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

SITES

<http://www.livros-digitais.com/virgilio/eneida/>